

## SAUDAÇÃO: AS MARCAS DA NEGRITUDE EM AGOSTINHO NETO

Danielle Campos Lima<sup>1</sup>

**RESUMO:** A *negritude* busca primordialmente resgatar uma identidade negro-africana negada durante todo o processo histórico de colonização. Dessa forma, evidenciamos as relações de intertextualidade presentes no poema *Saudação*, do angolano Agostinho Neto, a partir da influência, direta ou indireta, dos princípios do movimento da *Negritude*. Analisamos, ainda, os diálogos entre a literatura e o contexto social, político e cultural – onde repousam a criação literária do *corpus* em análise.

**Palavras-chave:** Negritude, Agostinho Neto, identidade.

## SAUDAÇÃO: THE TRAITS OF NEGRITUDE IN AGOSTINHO NETO

**ABSTRACT:** Negritude mainly tries to bring about an African-negro identity which was denied during the historical process of colonization. Thus, we will try to highlight the intertextual relations in the poem *Saudação*, by Agostinho Neto, considering the influence, direct or indirect, of the principles coming from the Negritude movement. Also, we will analyze the possible dialogues between literature and the social, political and cultural context – where lies the literary creation of the *corpus* in the analysis.

**Keywords:** Negritude, Agostinho Neto, identity.

As décadas iniciais do século XX foram permeadas pela imposição política e econômica das grandes potências mundiais. Inúmeros foram os povos submetidos à condição de colonos das metrópoles europeias e, conseqüentemente, subjugados às violentas imposições que o referido processo acarreta.

Os povos africanos não ficaram de fora desse cruel momento que marca nossa história, ao contrário, foram os principais alvos. Para satisfazer interesses pessoais, muitos representantes da pequena burguesia africana se uniam aos colonizadores, fato que acentuava ainda mais as péssimas condições de vida das grandes massas populares. Os colonizadores não proporcionavam uma infraestrutura mínima para o desenvolvimento da população, tais como saúde e educação. Os escassos investimentos que eram feitos na educação serviam para

---

<sup>1</sup> Mestre em Letras pela Universidade Federal da Paraíba. PB, Brasil, daniellecamosandrade@hotmail.com.

difundir os valores europeus nas salas de aula, conduzindo a população, sobretudo os jovens, à imersão em uma alienação de suas identidades culturais, ou seja, a educação era utilizada como instrumento da manutenção da colônia.

Desse processo assimilacionista os colonos garantiam a contínua exploração dos povos e a defesa antecipada dos valores da colônia, isso porque, alienados da sua própria condição e desconhecedores da sua própria história, o povo colonizado dificilmente caminharia para uma perspectiva que reivindicasse a libertação das suas nações.

Mesmo diante desse inóspito panorama, nem todos os representantes da elite cultural africana se identificaram com os interesses coloniais. Os poucos africanos que se sobressaem socialmente conseguem estudar nas metrópoles e alguns alcançam certa consciência social para perceberem tais diferenças e se identificarem com a grande população excluída. Movidos por uma perspectiva revolucionária, esses intelectuais comungam com os interesses das grandes camadas populares e acumulam esforços em busca de propostas para uma libertação nacional. Segundo Pires Laranjeira, essa identificação positiva dos intelectuais africanos para com as massas populares ocorre pelos seguintes fatores:

A raça, o grupo étnico, a cor da pele, funcionam como um sinal de alarme do que eles, nas mesmas condições, poderiam ter sofrido na carne. Ao descobrirem que ignoram quase tudo sobre a cultura e os costumes dos seus semelhantes, sentir-se-ão como autênticos estrangeiros na sua terra e verdadeiros intrusos nas metrópoles europeias, onde vestem a pele dos seus patrícios das colônias. (LARANJEIRA, 1995, p. 414)

O sistema repressor promovido pela colonização nunca foi aceito com passividade pelos povos colonizados. Desde os períodos iniciais, os povos africanos sempre promoveram manifestações de resistência. Como não podia ser diferente, o povo angolano também promoveu inúmeras manifestações contra o colonialismo, tornando-se um país expoente na luta contra a repressão colonial. A criação do Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA), em dezembro de 1956, reflete esse avanço. Esse movimento constituiu um papel de fundamental importância no direcionamento da nação pela libertação dos grilhões do colonialismo. Acerca dessas manifestações, Mário Santos afirma:

Embora no princípio apresentassem um caráter egocêntrico, isto é, tribalista, posteriormente, com o passar dos tempos, adquiriram dimensões de índole nacional. Contudo, o colonialismo foi elaborando e aplicando novos mecanismos de penetração e dominação maleados em consonância com as circunstâncias do momento histórico que se vive. Ora tornavam um caráter

paternalista imbuídos de ‘profundo sentimento humanista’, ora adotavam uma tendência intimidativa, imprimindo maior índice de violência às populações que desafiavam a concretização dos seus interesses através de inúmeras resistências muitas vezes exitosas. (SANTOS, 1989, p. 400)

As manifestações de resistência e de retorno às raízes culturais desempenharam o pilar fundamental de desalienação e construção de uma consciência popular e, como não poderia ser diferente, os reflexos dessas manifestações aparecem, sem dúvida, na produção literária dos autores africanos. Isso ocorre pelo fato dessas literaturas buscarem preencher o esvaziamento promovido pelo processo de assimilação, a que nos referimos anteriormente e traduzem um fator essencial para a construção de uma consciência nacional. É essa tomada de consciência que irá promover uma reconstrução através do resgate das estruturas da cultura local, promovendo uma reapropriação daquilo que foi usurpado historicamente. A busca por essa identidade não pode estar relacionada apenas a questões de raça, cor, localidade geográfica, ou determinada cultura; para Bernd,

No que diz respeito à identidade coletiva, é preciso encará-la como um conceito plural: os conceitos estáveis de ‘caráter nacional’ e ‘identidade autêntica’ são modernamente substituídos por uma noção pluridimensional na qual as identidades construídas por diferentes grupos sociais em diferentes momentos de sua história se justapõem para construir um mosaico. As partes se organizam para formar o todo. (BERND, 2003, p. 17)

Dessa maneira, a consolidação das literaturas africanas de língua portuguesa ocorre no período de lutas pela independência de seus países. Percebemos uma forte predominância de temas como a afirmação da nacionalidade, repulsa ao sistema colonialista e a revalorização do passado histórico africano. Não podemos esquecer que a busca por essa construção de uma identidade ocorre através de um processo contínuo em constante movimento de identificação com o ‘outro’, diferentemente dos textos dos colonizadores que apresentavam os valores europeus como único modelo de cultura a ser seguido e que, em sua maioria, negavam a identidade dos povos africanos.

A literatura angolana não ficou de fora dessas influências, como veremos adiante. Em 1949, Filinto Elísio de Menezes escreveu, em um breve ensaio acerca da literatura angolana, uma crítica à insípida produção literária para a construção de uma literatura nacional. O autor afirma ainda que a juventude demonstrava pouco interesse acerca dessa construção, permanecendo presa às antigas formas da literatura metropolitana. Nesse período, Angola encontrava-se atrasada no que se refere à criação de uma literatura puramente local, pois o

público angolano se interessava por autores ainda presos ao panorama pré-realista da literatura metropolitana. Tais autores insistiam em temas que pouco ou quase nada representavam a identidade do povo angolano. Seus temas preferidos eram: o sensualismo da negra, o exotismo das belezas naturais da África, os mistérios psicológicos do povo negro, entre outros.

No mesmo ensaio, Filinto Elísio expõe a necessidade dos jovens reconhecerem a si próprios através da cultura, afirmando que “o povo que não souber valorizar-se pela cultura, condena-se a uma eterna dependência que dissolverá as características que o definem como tal” (2000, p. 90). O autor afirma ainda que a emancipação literária é alcançada quando “os motivos que a ocupam possuem características próprias e se os temas das suas criações traduzem alguma coisa que se identifique com as realidades do povo que a detém, que a definem.” (MENEZES, 2000, p. 90)

Percebemos que o crítico não defende uma literatura fechada dentro de si mesma, mas, sim, uma literatura que a partir dos elementos locais se comunique com o universal. Para ele “o artista só se realiza quando cria uma obra com projeção universal; isto é: quando a obra de arte realizada representar uma interpretação fiel dos anseios da humanidade, embora localizada num espaço determinado e condicionado à época em que foi feita” (MENEZES, 2000, p. 91)

Na verdade, desde 1940, a vida literária era vista com grande importância para os angolanos, pois era através dela que os nativos buscavam satisfazer seus desejos e anseios de liberdade em contraposição à situação repressora em que viviam.

Angola sempre esteve, no cenário sócio-político e cultural, à frente das outras nações africanas de língua portuguesa. A literatura angolana, por sua vez, apresenta um perfil singular, influenciando sobremaneira o movimento em busca pela independência. Além disso, literatura foi sem dúvida instrumento de resistência. Na República dos Poetas, como Angola era chamada, os escritores atuaram de forma decisiva no movimento em direção à independência, o próprio MPLA foi construído pelos expoentes da poesia angolana, tais como Antônio Jacinto, Viriato da Cruz, Mário de Andrade e Agostinho Neto, primeiro presidente da República de Angola. Neste aspecto as obras poéticas dos autores angolanos, a partir da década de 50, revelam temáticas como a saudade da infância, da terra quente, aconchegante, além das imagens de denúncia e de revolta, tão vivas em todo o país.

Indubitavelmente o movimento da *Negritude* francófona influenciou demasiadamente a escrita dos autores angolanos. *Negritude* fundamenta-se na redescoberta da história, da cultura africana e constitui um processo em busca de uma identidade de conduta desalienatória, da defesa do patrimônio e do humanismo dos povos negros. Tais fundamentos foram muito importantes para os estudantes africanos que viviam em Portugal, pois promoveram um profundo impacto quando os mesmos entraram em contato com as primeiras produções oriundas desse movimento.

A *Negritude* difundiu-se com mais força nas metrópoles de Lisboa e Coimbra e nas capitais coloniais como Luanda e Lourenço Marques, nestas últimas as diferenças raciais eram bem mais evidentes. Como mencionamos, uma das propostas da negritude consistia em revisitar e redescobrir o passado cultural africano. Dentro dessa perspectiva, a escrita dos autores funciona como um movimento de retorno às raízes, na busca por uma identificação positiva com o passado africano, desconhecido pelos seus próprios filhos. Esse retorno às raízes culturais demonstra a necessidade dos africanos de reconstruir seu mundo que foi esmagado pela Europa. É a necessidade de recriar esse mundo apagado da história mundial. “A observação sociológica da sociedade africana confirma o pressuposto de a *Negritude* buscar míticas raízes culturais, sociais e políticas para recuperar a imagem de um modelo de mundo, com vista a significar um mundo possível” (LARANJEIRA, 1995, p. 417)

Nesse sentido, a obra do angolano Agostinho Neto está intrinsecamente ligada à história do seu país e permeada de imagens da cultura local, além de forte crítica contra as injustiças vivenciadas.

Agostinho Neto, nascido em 17 de setembro de 1922, na aldeia Kaxikane, região de Icolo e Bengo, próximo de Luanda, foi o membro mais ativo do MPLA e um dos poetas mais importantes de Angola. Inserido na dura realidade do Pós-Guerra (1939-1945) com o processo de descolonização do continente africano, foi perseguido, preso e exilado. Sua obra revela uma poesia transpassada pelas imagens das vivências do homem angolano, mostra a necessidade de sonhar, de lutar pela independência de uma nova Angola e reconquistar a identidade angolana, quase perdida e estilhaçada pela presença do colonizador. Nos dizeres do próprio poeta em relação à busca pelas particularizações da literatura local, Neto afirma:

Depois de algum tempo, os intelectuais africanos voltaram-se um pouco mais para as suas culturas próprias, para o seu revigoramento. Os intelectuais negro-africanos estudaram a história, as artes, a sociologia da África e, nestes últimos anos, ainda sob o pensamento da solidariedade do mundo

negro, reuniram-se dois Congressos de Intelectuais Negros, onde os problemas culturais foram debatidos do ponto de vista da particularização. (NETO, 2000, p. 55)

A criação poética de Agostinho Neto se destaca pela abrangência das temáticas, pela forte identificação com o povo negro espalhado pelo mundo, mas, acima de tudo, pelo caráter universal, presente em grande parte da sua obra poética. Esse caráter universal, vale ressaltar, é um dos princípios mais importantes do movimento da negritude portuguesa. Iremos analisar a seguir o poema *Saudação*, do referido autor, buscando evidenciar as características mais recorrentes na construção poética do mesmo, através do princípio universalista, pregado pelo movimento da negritude.

### **Saudação**

A ti, negro qualquer  
meu irmão do mesmo sangue  
Eu saúdo!

Esta mensagem  
seja o elo que me ligue ao teu sofrer  
indissolúvelmente  
e te prenda ao meu Ideal

Que me faça sentir  
a dor e a alegria  
de ser o negro-qualquer perdido no mato  
com medo do mundo ofuscante e terrível  
e nos alie agora na sua busca

e me obrigue a sentar-me a teu lado  
à mesa suja dos excessos de sábado à noite  
para esquecer a nudez e a fome dos filhos  
e sinta contigo a vergonha  
de não ter pão para lhes dar  
para que juntos vamos cavar a terra  
e fazê-la produzir

e me transforme no homem-número-abstracto  
desconhecedor dos objetivos da tarefa que nos consome  
como o bastardo desprezado de certo mundo  
nesta madrugada do nosso dia

me faça enfim  
o negro-qualquer das ruas

e das senzalas  
sentindo como tu a preguiça  
de dar o passo em frente  
para nos ajudarmos a vencer  
a inércia dos braços musculados

Esta é a hora de juntos marcharmos  
corajosamente  
pra o mundo de todos  
os homens

Recebem esta mensagem  
como saudação fraternal  
ó negro qualquer das ruas e das senzalas do mato  
sangue do mesmo sangue  
valor humano na amalgama da Vida  
meu irmão  
a quem saúdo!<sup>2</sup>

Acerca do caráter universal da poesia de Agostinho, Leonel Cosme afirma: “Eis porque na poesia de Agostinho Neto, toda ela oferecida ao Negro, não se pode dissociar o homem de uma certa raça e condição, de um homem universal, acima de compartimentações éticas ou biologizantes”. (COSME, 1984, p. 18) Dessa forma, já nos primeiros versos, o Eu lírico do poema analisado, apresenta o “negro-qualquer” como sendo seu irmão do mesmo sangue, estreitando ainda mais os seus laços. É por nós percebido que o Eu lírico se comunica com um “tu”. Este, por sua vez, trata-se de um “tu” coletivo, formando assim uma tríade “eu-tu-nós”. Essa identificação com a coletividade é uma marca recorrente da produção literária africana, sobretudo daquela vinculada aos ideais da *Negritude*. O próprio Agostinho Neto em *Introdução a um Colóquio sobre poesia angolana*, afirmou:

Porém, mais importante que esses fatos é o sentimento de solidariedade e de comunidade que existe actualmente entre os negros de todo o mundo. [...] As situações sociais e culturais idênticas, todas elas caracterizadas pela opressão material e cultural do homem negro: a origem comum das fontes africanas foram as bases desta unidade. Os poetas descobriram a negritude e a civilização negro-africana. (NETO, 2000, p. 53)

Para o movimento da negritude, o pertencimento racial é um princípio de autoidentificação, ou seja, “a negritude seria, neste caso, tudo o que tange à raça negra; é a

<sup>2</sup> NETO, Agostinho. *Sagrada Esperança*. 9ª ed. Angola: União dos Escritores Angolanos, 1974. p. 72

consciência de pertencer a ela” (MUNANGA, 1986, p. 51). Sendo assim, na segunda estrofe do poema, percebemos que o Eu lírico busca materializar sua mensagem que, a partir de agora, funcionará como uma ponte que o liga a um “interlocutor coletivo”, ou seja, a todos os irmãos negros que, assim como ele, sentem na pele o poder da opressão. A comunicação que esta ponte possibilitará está relacionada ao elemento mais doloroso desse interlocutor, isto é, ao sofrimento causado pela colonização. Tal mensagem será transmitida em bases estruturadas e “indissolúveis”, pois está ligando a dor da colonização com algo forte e precioso para o eu lírico: o seu “Ideal”, assinalado aqui com letra maiúscula, reforçando ainda mais o valor do objetivo. Trata-se, como veremos ao longo do poema, do ideal de libertação dos grilhões do colonialismo, que utiliza diferentes estratégias para subjugar o homem negro.

A partir da construção dessa ponte se iniciará um movimento de “ida e vinda”, entre o Eu lírico e seu interlocutor. É através do sentimento de pertença aos elementos mais sofridos desse irmão negro, que o Eu lírico convida o mesmo a vislumbrar novas perspectivas na busca de uma reversão do panorama vivido. Dessa forma, ele deseja “sentir a dor e alegria” o “medo” dos seus irmãos oprimidos pela máquina do colonialismo, bem como aliar-se a esses irmãos em uma mesma busca.

Na quarta estrofe, a necessidade de unir-se aos irmãos permanece, indiferentemente das circunstâncias. É assim que o Eu lírico sente-se obrigado a sentar-se “à mesa suja dos excessos de sábado à noite”, ou seja, deseja sentir junto com os seus os escapismos utilizados para atenuar a “nudez e a fome dos filhos” e a vergonha das espoliações causadas pelo opressor. Ultrapassando o plano das percepções e reflexões, o Eu lírico deseja agir, e “cavar a terra”, “fazê-la produzir”. Percebemos neste momento, que a ideia de ação presente no poema é outra marca característica da poesia de Neto, pois a reconstrução desejada por ele perpassa pelo comprometimento cultural e político. Nas palavras de Eugênia Neto, esposa de Agostinho Neto, a confirmação deste dado tão marcante do poeta:

A poesia de Neto é uma poesia de intervenção, é uma poesia de apelo, de chamamento ao Povo para a fase de luta que deveria ter início, uma vez que o Governo fascista de Portugal era surdo a todos os apelos dos intelectuais angolanos, para resolver o problema da independência de Angola por meios pacíficos. (NETO, 1989 p. 361)

Na quinta estrofe, o Eu lírico deseja ser transformado “no homem-número-abstrato”, ou seja, aquele homem que não designa um valor real. Atentamos para a transformação dos substantivos comuns “homem”, “número” e “abstrato” em um substantivo composto



“homem-número-abstrato”. Esta construção formal reforça ainda mais o processo de coisificação promovida pelo colonialismo, pois apresenta a alienação e falta de percepção real do valor do homem negro, como sendo estratégias utilizadas pelo colonizador, que transforma o homem colonizado em instrumento de produção. Acerca dessas estratégias, Aimé Césaire, em seu *Discurso sobre o colonialismo*, constrói uma equação, que, para ele, traduz a real essência da colonização e as consequências advindas dela:

É a minha vez de enunciar uma equação: *colonização=coisificação* [...] Eu, eu falo de sociedades esvaziadas de si próprias, de culturas espezinhadas, de instituições minadas, de terras confiscadas, de religiões assassinadas, de magnificências artísticas aniquiladas, de extraordinárias possibilidades suprimidas. (CÉZAIRE, 1978, p. 04)

Observamos, então, que o Eu lírico critica a alienação sofrida pelos colonos “desconhecedores dos objetivos” do opressor, que vivem imersos no trabalho escravo sem se dar conta de seu real valor e subjugados a uma realidade fechada, onde o jugo da escravidão torna-se a “madrugada do nosso dia”.

Na sexta estrofe, o Eu lírico continua a conclamar os seus irmãos “negro-qualquer”, sejam eles livres ou não, estejam eles nas “senzalas” ou nas “ruas”. Neste ponto, percebemos que a problemática apresentada não se reduz a uma questão epidérmica, ou de classe. Trata-se de um elemento imensamente recorrente na tessitura poética de Neto: a consciência. Isso por que o “negro-qualquer” pode estar livre ou preso nas ruas ou senzalas, o que importa é se a sua consciência está voltada para o “Ideal” de deixar esta realidade de lado e dar um passo à frente. Consciência essa, que permita que o povo desconhecedor de sua força, dos seus “braços musculados”, reaja e siga lutando em direção à libertação.

Na penúltima estrofe, o Eu lírico, em um quase grito de luta, chama os seus para marchar, unir as forças, sem os medos e alienações. Para o Eu lírico, a hora é de caminhar corajosamente para o mundo de todos os homens, quer sejam eles negros ou brancos, mas que, indubitavelmente, todos sejam livres e respeitados.

Encerrando esta saudação, através do jogo de contrastes, o Eu lírico, ao longo do poema, expõe a colonização de um lado e do outro a tomada de consciência rumo à libertação. Essa dualidade são aspectos estruturadores da obra de Neto, como afirma Leonel Cosme:

Negação e afirmação são os dois termos da dialética inevitável que, através de um curto período de maturação e elaboração poética – pouco mais de dez anos –, balizam Agostinho Neto com coordenadas materialistas, num

universo histórico onde tudo se resolve pela unidade dos contrários. (COSME, 1984. p. 14)

Solidariedade é um sentimento caracterizador dos ideais da negritude, pois desperta a necessidade de união com os irmãos. Para Kabengele Munanga, negritude é “o sentimento que nos liga secretamente a todos os irmãos negros do mundo, que nos leva a ajudá-los, a preservar uma identidade comum” (1986, p. 51). A partir dessa perspectiva, percebemos que o chamamento que o Eu lírico lança aos seus irmãos, está imbuído pelo desejo de tornar o “homem-número-abstrato” em “valor humano na amálgama da Vida”, pois a “Vida” liberta é o que comunga intensamente com o seu “Ideal”.

Em seus poemas, Agostinho Neto apresenta um vasto universo de problemáticas que afligem o homem angolano, bem como os africanos em geral, e demonstra a preocupação e o compromisso do intelectual negro perante seu povo e a necessidade desse mesmo povo reconhecer suas raízes e sua história.

A poesia de Neto foi profundamente marcada pelo tema da conscientização, consciência essa alcançada através da redescoberta dos valores do homem africano, da força e da resistência que este mesmo povo imprimiu desde a primeira investida colonialista. Além desse incontestável valor, a poesia de Neto transcende a cor local e se comunica com as múltiplas vozes dos que, assim como ele, sofreram a dor e a opressão, ou seja, “o homem oprimido da *Sagrada Esperança*’ deixa de ser especificamente o homem angolano, torna-se o Homem Universal. E a causa a qual os poemas são dedicados, torna-se a causa de toda a Humanidade”. (CARTER, 1989, 90-91) A negação da passividade, do assimilacionismo e da submissão são fatores que marcam o desejo deste homem que buscou incessantemente a igualdade e o respeito para seu povo.

Acreditamos que as pesquisas acerca das literaturas africanas contribuem para a desconstrução de valores negativos que trouxeram repercussões graves para a população negra e que estão amplamente refletidos no cânone literário. O fazer poético de Agostinho Neto, ultrapassa o plano do exotismo, do pitoresco e caricato, pois as raízes ancestrais surgem na tessitura poética desse autor como elementos de reconstrução da identidade cultural. O projeto literário de Neto busca afirmar positivamente suas raízes culturais e almeja evidenciar as potencialidades político-culturais que foram negadas e espoliadas ao longo dos tempos, além de questionar as tradições literárias canônicas e reivindicar o espaço da literatura africana.

**Referências Bibliográficas:**

BERND, Zilá. *Literatura e identidade nacional*. 2. Ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.

CARTER, Janet Elizabeth. O patriota como poeta, Agostinho e a sua arte. In: *A voz igual: ensaios sobre Agostinho Neto*. Porto: Fundação Engenheiro Antônio de Almeida e Angolê – Artes e Letras, 1989. Pp. 79-92.

CÉSAIRE, Aimé. *Discurso sobre o colonialismo*. Lisboa: Sá da Costa, 1978.

COSME, Leonel. *Agostinho Neto: a poesia e o homem*. Luanda: Instituto Nacional do livro e do Disco, 1984.

LARANJEIRA, Pires. *A negritude Africana de Língua Portuguesa*. Porto: Afrontamento, 1995.

MENEZES, Filinto Elísio de. Apontamentos sobre a poesia de Angola Maurício Gomes e Viriato da Cruz - precursores de uma poesia em formação. In: LARANJEIRA, Pires. *Negritude Africana de Língua Portuguesa*. Coimbra: Ângelus Novus, 2000. Pp. 88-99.

MUNANGA, Kabengele. *Negritude: usos e sentidos*. São Paulo: Ática, 1986.

NETO, Agostinho. *Sagrada Esperança*. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 1974.

\_\_\_\_\_, Agostinho. Introdução a um Colóquio sobre Poesia Angolana. In: LARANJEIRA, Pires. *Negritude Africana de Língua Portuguesa*. Coimbra: Ângelus Novus, 2000. Pp. 49/55.

NETO, Eugênia. A poética de Neto como práxis social. In: *A voz igual: ensaios sobre Agostinho Neto*. Porto: Fundação Engenheiro Antônio de Almeida e Angolê – Artes e Letras, 1989. Pp. 361-379.

SANTOS, Mário. O contexto sócio-histórico angolano das décadas de 40 a 60 e a obra poética de Agostinho Neto. In: *A voz igual: ensaios sobre Agostinho Neto*. Porto: Fundação Engenheiro Antônio de Almeida e Angolê – Artes e Letras, 1989. Pp. 397-417.

---

Recebido em: 23/10/2015

Aceito em: 06/03/2016